

POR PEDRO IBARRA

“**E**u só quero é ser feliz / Andar tranquilamente na favela onde eu nasci / E poder me orgulhar / E ter a consciência de que o pobre tem seu lugar”, cantavam Cidinho & Doca em 1995. O clamor vinha embalado pelo ritmo do funk brasileiro, um gênero que havia conquistado as periferias cariocas e se expandia para todo o Brasil. Atualmente, um dos ritmos mais ouvidos no país, o funk é destrinchado pelo documentarista Luiz Bolognesi na série *Funk.doc: Popular & proibido*, estreia da HBO Max na próxima terça-feira.

A história do gênero que começou em bailes que tocavam James Brown nos anos 1970 é construída como uma grande linha do tempo e contada pelos nomes que marcaram épocas, desde os melôs até os dias atuais. De Mr. Catra e Valesca Popozuda, passando por Cidinho, Buchecha, chegando a MC Guimé, MC Carol, Rebecca e Ludmilla, Bolognesi abre o livro do gênero que, assim como o título diz, vive na área cinza entre o popular e o proibido.

Antropólogo, Luiz Bolognesi iniciou o pro-

jeto há aproximadamente sete anos, quando decidiu que queria entender o movimento que estava tomando conta da música brasileira. “Musicalmente me agradava, mas algumas letras me assustavam”, conta. Foi dessa curiosidade, que o cineasta decidiu ver o gênero musical por uma outra perspectiva, a de quem fez o funk acontecer. “Querida entender e mostrar onde ele nasceu, como ele nasceu, por que esse nome”, lembra.

Para fazer da ideia uma possibilidade, o documentário decidiu passar o microfone para quem já está habituado a usá-lo no funk. “Em vez de eu fazer um documentário que eu estudo e explico, quem conta a história é quem faz o funk. Os dançarinos, os estudiosos, os MCs e os DJs”, explica. Ele se preparou para fazer a série, mas decidiu que a melhor ótica para contar essa história é a de quem viveu. “Passei mais de oito meses em pesquisa, lendo e fazendo pré-entrevistas. Porém, o documentário é abrir a câmera e fazer perguntas que eu nunca imaginaria as respostas”, completa.

Esse formato fez com que ele abrisse os olhos e entendesse novas realidades possíveis

para além do que vive. Nomes que começaram lá no DJ Marlboro, mas que chegaram até os atuais MC Don Juan, estouraram a bolha em que Luiz estava. “Quando eu estava fazendo as entrevistas, esses meus preconceitos de homem branco de classe média foram sendo bombardeados pelas narrativas que as pessoas que fazem o funk me proporcionaram, e isso tudo foi de câmera ligada”, afirma. “A série é isso, esse processo de escutar o que essa gente tem a dizer. Eles são brilhantes, são grandes artistas, com brilho nos olhos e que contam excelentes histórias”, reflete.

O documentarista acredita que, para além da finalidade de reviver a história do funk, o seriado serviu para que bons contadores de histórias compartilhassem vivências. “Eu gostei demais de fazer. O difícil era cortar a câmera e encerrar a entrevista. Dava uma hora ou uma hora e meia de entrevista e a equipe avisava que acabou, mas eu queria mais”, diz Bolognesi, que já tem a pretensão de continuar. “O funk muda a cada seis meses, então, para dar conta do que ele se tornou da pandemia para cá, só se chegarmos à segunda temporada. Que eu quero fazer já, já”, conclui.

HBO Max/Divulgação

Funk pelos olhos de quem faz

Dos bailes antigos na periferia, o funk cresceu e dominou o Brasil